

Editorial

DESASTRE
ESPERADO

O acidente que fez desaparecer do mapa o povoado de Bento Rodrigues é resultado do modelo de exploração mineratória que se estabeleceu no país a partir do momento em que a China, em especial, começou a demandar volume crescente de nosso minério de ferro.

A mineração é responsável pela formação de 5% do PIB brasileiro. Mas, contando seus efeitos na siderurgia, na metalurgia, nos transportes e na indústria de bens de capital, sua contribuição é maior. Mais de US\$ 150 bilhões de nossas reservas neste século vieram dela.

No entanto, desde a colonização, ela vem deixando atrás de si um rastro de destruição, em consequência daquilo que o professor Paulo Haddad chama de “uso predatório e não sustentável da base de recursos naturais” ao longo de vários ciclos econômicos em Minas Gerais.

Esgotada a exploração, restaram povoamentos empobrecidos e decadentes. Foi assim durante os Ciclos do Ouro e do Diamante. O subdistrito de Bento Rodrigues e o próprio município de Mariana são um retrato dessa decadência produzida pela mineração.

Esse modo de exploração de nosso capital natural não é exclusivo, no entanto, da mineração. Ele se deu também com a destruição da Mata Atlântica e continua a acontecer hoje com a ocupação do Cerrado e o desmatamento da floresta amazônica.

A questão, hoje, é que a destruição ocorre em grande escala, com emprego de máquinas e exclusão de mão de obra. O caráter imediatista da exploração, no entanto, é o mesmo, buscando grandes rendimentos financeiros em detrimento dos direitos de terceiros.

O que aconteceu em Bento Rodrigues, e antes em outros municípios mineradores, é a repetição de uma atitude que remonta ao passado, desinteressada das projeções do nosso crescimento econômico e de um compromisso com as futuras gerações.

Enquanto empresários e governantes agirem com essa perspectiva de curto prazo, os desastres não serão obra do acaso.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO



Duke

www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

A maré de sizígia das vozes das
brasileiras contra o patriarcado

Desde meados de outubro, dias de protagonismo das mulheres

Desde meados de outubro vivenciamos dias de protagonismo intenso das mulheres, semelhante à maré de sizígia – “de grande amplitude, que ocorre quando o Sol e a Lua estão em sizígia: alinhados em relação à Terra, e a atração gravitacional entre os dois astros se soma”, durante as luas nova e cheia.

Vários fatos detonaram a maré de sizígia das vozes das brasileiras contra o patriarcado e suas escoras, tipo o racismo. Nas redes sociais da web, a insatisfação se avolumou, e o ativismo de sofá chegou às ruas.

Não farei uma análise, apenas um registro para que cada pessoa avalie e forme a sua opinião. Sabe-se que “o conservadorismo político não está necessariamente associado a conservadorismo em matéria de costumes” (Albertina Costa); todavia, a conjuntura na qual eclodiram as vozes das mulheres é de pressão contínua do “jaguncismo político” pela manutenção do status quo do conservadorismo político e de inclusão do ideário do fundamentalismo religioso para todo mundo, como numa teocracia!

Tão logo as mulheres “botaram a boca no mundo”, futurólogos bradaram: “Parece que as mulheres, antes dos políticos, vão derrubar Eduardo Cunha”. É que presenciavam uma mobilização inesperada, que se avolumava nas redes sociais, contribuindo para levar milhares de mulheres às ruas em diversas capitais e cidades, sob a consigna “Pílula fica, Cunha sai”, contra o Projeto de Lei 5.069/2013, do parlamentar neopentecostal e presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), que cria entraves ao aborto previsto em lei e à ministração da pílula do dia seguinte

para vítimas de estupro, direitos regulamentados no país!

Pintou pedofilia. Ouçamos Juliana de Faria (jornalista, fundadora do Think Olga e da campanha Chega de Fiu-Fiu): “Uma menina de 12 anos se inscreve no programa de TV, pois ama cozinhar. Na internet, homens se sentem atraídos por sua aparência e, ignorando sua idade, resolvem tecer comentários de cunho sexual sobre a criança. O fato gera revolta... Foi aí que nasceu a campanha #primeiroassédio. Convidamos nossas leitoras a contar, pelas redes sociais, a história da

Vários fatos detonaram a maré das vozes das brasileiras contra o patriarcado. Nas redes sociais, a insatisfação se avolumou, e o ativismo de sofá chegou às ruas.

primeira violência sexual que sofreram”. E Simone de Beauvoir no Enem 2015, tema que abordei em “O poder de ‘O Segundo Sexo’, de Simone de Beauvoir, hoje” (O TEMPO, 3.11.2015)? Por pouco, os misóginos de cá não exigiram a exumação do corpo dela para queimá-lo numa fogueira!

E a maré de sizígia cresceu mais! A escritora Antonia Pellegrino e Manoela Miklos, doutora em relações internacionais, criaram o projeto #AgoraÉQueSãoElas, “em que mulheres ocupam o espaço de escritores e jornalistas homens durante uma semana”. Demos um banho de vozes escritas. Perdi a conta do tanto que li, e ainda não li tudo!

Fiquei maravilhada. A luta feminista não é em vão!

No bojo de tudo, a denúncia da atriz Taís Araújo do racismo sofrido nas redes sociais desde 31.10, que acolhida pelas autoridades, colocou as medidas cabíveis em curso. Exigimos que justiça seja justa!

Ocorreu também no período o recrudescimento das ameaças de estupro e morte, iniciadas em 2012, à professora Lola Aronovich, do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará, que mantém o blog feminista Escreva, Lola, Escreva desde 2008. Ela foi incansável em fazer boletins de ocorrência, e as autoridades têm feito ouvidos de mercador. Agora, as coisas podem mudar. Ela conseguiu explodir a “bolha” patriarcal que encarcera feminista que ousa ser livre-pensadora e tem recebido solidariedade expressiva de amplos setores da sociedade – reconhecimento de que o feminismo faz política!

